



Boletim Informativo da Casa do Artista

Editorial

Volume XXV, Edição II

Abril de 2018

CARTA ABERTA A MANUELA MARIA

Lembras-te Manuela, daquelas saudosas reuniões todas as segundas-feiras, no 3º andar do 53 da Rua da Vitória (espaço emprestado pelo seu proprietário – Eduardo Almeida e Silva)?

E eu continuo a ver um Armando (Cortez) sempre em movimento e a inventar maneiras de conseguir apoios para a construção do nosso sonho comum de uma Casa do Artista. O Armando sempre com aquele ar que parecia não tomar nada a sério, mas com mais eficiência do que qualquer outro.

Também era presença assídua o Octávio Clérigo, nosso primeiro e entusiasta presidente, com o seu garbo e as suas vistas largas! Tu e eu éramos menos ambiciosas... Mas reconheço que, sem ele, a nossa Casa do Artista não teria a imponência que hoje tem.

É evidente que isso também foi possível pela atribuição daquele extenso terreno, propriedade da Câmara Municipal de Lisboa, por vontade do seu então Presidente, Eng.º Kruz Abecassis, sempre interessado e amigo.

Tenho ideia que começámos por pagar 62 496 escudos anuais pelo direito de superfície. Na primeira escritura, o terreno seria concedido durante 50 anos. E por fim passaria para 99 anos sempre renováveis. E tu lutaste bem por isso!

No princípio também estava connosco o João Videira Santos, muito participante, e depois o Pedro Solnado, nosso tesoureiro fiel e amigo, de uma extraordinária dedicação e pronto a tudo resolver!

Para quem não saiba, o Pedro era sobrinho do Raúl (Solnado), que foi quem trouxe do Brasil a ideia de uma Casa do Artista, também em Portugal. Num parêntesis, acrescento que, depois dos anos que vivi em Paris, também regresssei a Lisboa com a ideia de conseguir um refúgio para todas as pessoas do espectáculo, no fim das suas vidas. Por saber isto, o Armando contactou-me e assim me juntei a vocês, quando se fundou a Apoiarte.

Mas voltando a Raúl Solnado, não podemos esquecer a sua acção nesse princípio, ao organizar vários eventos em prol da nossa causa.

Também um Tomé de Barros Queiroz, dos primeiros a oferecer o seu valioso contributo. Assim como o bailarino Albino de Moraes, nosso primeiro sócio benemérito, que deixou à Apoiarte todos os seus bens.

E o Dr. Braz Teixeira, Presidente da Mesa da Assembleia Geral, desde o princípio até há meses atrás.



Nesta edição:

O Nosso Boletim Saúda Rosa Lobato de Faria	3
Ditados Populares	4
As Meninas de Velázquez	5
Cheira Bem. Cheira a Craveiro. Canta Anita Guerreiro	6
Bem-vinda Elisa Lisboa	8
Elas estão a chegar	9
Parabéns Casa do Artista	10
Caem Estrelas	11
Factos Y Ficcionismos	12

Sem esquecer os arquitectos do Atelier Augusto Silva Ferreira dos Santos, Luís Rebelo de Andrade e Francisca Ramalho.

De justiça será também de referir o apoio de vários Governos, no poder de 1986 a 1999, tempo que durou a preparação e construção da Casa do Artista! Que perseverança!

Mas muitos mais nomes deviam ser mencionados aqui, se não fosse difícil tudo sintetizar neste pequeno espaço.

Apenas faço alusão aos primeiros tempo vividos por mim na Apoiarte, porque continuo a pensar que foram alguns dos melhores momentos de camaradagem e compreensão, apesar de sermos todos tão diferentes... mas essa diferença parecia completar-nos.

E apesar de todas as incertezas, éramos verdadeiramente felizes, vivendo na esperança de que tudo aquilo representava mais do que um sonho.

Depois viriam algumas desilusões, muitos cansaços, mas tu e o Armando nunca pararam. E tu, Manuela, continuas a lutar, agora com outras grandes ajudas, porém sempre com uma força que não sei onde vais buscar.

Mas falar das dificuldades desse longo período não vale a pena. O que interessa é verificar que, até hoje, já residiram na Casa do Artista à volta de 284 sócios E, sem especular, apenas pergunto:

Qual teria sido o fim de muitos desses seres humanos, tão fragilizados no último percurso da vida, se a Casa do Artista não existisse?

Autora: Carmen Dolores

(Actriz e Sócio Fundadora da Casa do Artista)



**“E a minh´alma, amargurada,
num desespero mortal,
arrasta, triste, cansada,
uma vida sem ideal.”**

Christovão

SAUDAMOS ROSA LOBATO DE FARIA



Rosa Lobato de Faria (Lisboa, 20/04/1932 – 02/02/2010),

No seu longo e multifacetado percurso profissional destacou-se como atriz, escritora, romancista, poetisa, contista, dramaturga e guionista de novelas e séries. Iniciou a sua carreira como atriz, por volta dos 40 anos, pela mão do realizador António-Pedro Vasconcelos, no filme *Perdido por Cem*, em 1973. Fez a sua estreia em televisão nos programas literários *Rosa dos Ventos*, nos anos 60 e *Imagens da Poesia Europeia*, um programa de David Mourão-Ferreira, na década seguinte. Mais tarde, prossegue o seu percurso no pequeno ecrã, participando em telenovelas e em diversas séries televisivas, tendo integrado o elenco da primeira telenovela portuguesa *Vila Faia*, em 1982. Nas duas décadas e meia seguintes tornou-se presença regular na televisão portuguesa, interpretando o seu último papel na telenovela *Deixa-me Amar*, transmitida em 2008.

Na escrita, Rosa Lobato de Faria ganhou projeção como letrista de canções levadas ao Festival RTP da Canção, tais como: “Amor de Água Fresca”, em 1992, interpretada por Dina; “Chamar a Música”, em 1994, por Sara Tavares; “Baunilha e Chocolate”, em 1995, por Tó Cruz e “Antes do Adeus”, em 1997, por Celia Lawson.

Nos anos 80, inicia o seu percurso na escrita, enquanto poetisa, com as obras *Os deuses de Pedra*, *As pequenas palavras* e, em 1997, *Poemas Escolhidos e Dispersos*. Como romancista, publica o seu primeiro trabalho, *O Pranto de Lúcifer*, em 1995, seguindo-se *O Prenúncio das Águas*, em 1999, distinguido, no ano seguinte, com o Prémio Máxima de Literatura. Em 2008, deu à estampa o romance *As Esquinas do Tempo*. Em 2011 é publicado o seu último romance, inacabado, *Vento Suão*.

Deixou uma vasta obra literária, que abrangeu, além da poesia e do romance, livros de contos, como *Asas sobre a cidade: conto de Natal*, (2006) e literatura infantil, de que é exemplo *ABC das flores e dos frutos em rima infantil*, (2002).

A 8 de Junho de 2010 foi agraciada, a título póstumo, com o grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

De Março de 1996 a Fevereiro de 2010 fez parte da Mesa da Assembleia Geral da APOIARTE – Casa do Artista.

Obrigado “Rosinha” por tão brilhante legado.

DITADOS POPULARES

- 1- A casca do ovo, cai no _____... fica _____.
- 2- Olho por _____, dente por _____...
- 3- Quem sai aos _____ não _____.
- 4- Quem _____, seus males _____.
- 5- A verdade é como o _____, vêm sempre à cima da _____.
- 6- Cinco dedos têm a _____, mas nenhum é _____.

os nossos velhos pensamentos
são fogos fátuos do amor
que ardem na cinza
da saudade

“Reflexões na Ardósia a Giz”
de Miguel Barbosa

(Dramaturgo/Residente da Casa do Artista)

Colabore com a nova edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista” 2018, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.

Contamos consigo!

AS MENINAS DE VELÁZQUEZ



Gosto muito de pintura e em todas as viagens que fiz, ia sempre visitar museus. Mas em alguns via só aqueles quadros que eram mais falados, como por exemplo no Museu do Prado, “As Meninas de Velázquez”, que está considerado como uma das suas melhores pinturas. A primeira vez que lá fui, só via ombros e cabeças de pessoas que estavam à minha frente. A sala só tinha esse quadro e havia um sofá para se sentarem; era como se fosse uma salinha íntima. Desolada falei com o empregado que me disse: “se vier amanhã logo às 9 horas, senta-se lá”. E eu assim fiz.

No dia seguinte entrei e gostei muito. É uma maravilha, aquela obra de arte. Sempre gostei de ir só aos museus e às exposições etc... Em grupo detesto, não se vê minuciosamente e tudo ao pormenor. Agora aqui, na Casa do Artista, aprecio através do meu computador, todas as coisas maravilhosas de que gosto, pois esta máquina leva-me a todo o lado.

Autora: Nini Remartinez

(Cançonetista/Artista da Rádio/Residente da Casa do Artista)

“Gosto mais de ser humilde virtuoso, do que pecador soberbo.”

Miguel Cervantes

**“CHEIRA BEM. CHEIRA A CRAVEIRO.
CANTA ANITA GUERREIRO.”**



(Actriz e Fadista Anita Guerreiro)

De seu nome completo e verdadeiro: Bebiana Rocha Guerreiro Cardinalli, é de Lisboa da freguesia dos Anjos, ali ao Benfornoso no Intendente. Vivia com o pai e a madrasta e começou a cantar na Sociedade “A Matinha”, num primeiro andar, onde fica o Grupo Desportivo. Ainda hoje, no Salão Nobre está lá a sua linda fotografia com apenas 17 anos.

Fez de seguida vários espectáculos, no Édén, no Politeama e no Cinema Odéon, com o grande homem de rádio e teatro Igrejas Caeiro, tais como: “Companheiros da Alegria”, “Comboio das Seis e Meia” e “APA”. Com 18 anos, já como primeira figura vai para o Parque Mayer. Estreia profissionalmente no Teatro Maria Vitória, na revista “Ó Zé aperta o laço”.

Abre, no Parque Mayer a casa de fados “Adega da Anita”. Além de cantar, foi actriz de revista. Fez na companhia de Eugénio Salvador, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa: “Há feira no Coliseu”, “Fonte Luminosa”, “Há Festa no Coliseu” e “Mulheres de Sonho”. Cantou em dueto, com a saudosa Fernanda Baptista, na cúpula do Coliseu, que foi um êxito muito grande.

Anita, como actriz, entrou em inúmeras telenovelas. Além da saudosa Fernanda Baptista, a nossa Anita também foi uma grande amiga da querida Deolinda Rodrigues. Anita Guerreiro foi madrinha das marchas de muitos bairros. Desceu a Avenida, anos sem conta. Toda a gente gosta da Anita, como o Zé Carlos Malato, o Carlos Jorge Espanhol, a mãe Fernanda, etc.



A Anita é muito boa pessoa, óptima amiga e muito boa mulher; não diz mal de ninguém. Gosto muito dela, desde os meus 14 anos. A Anita tem fama de ser muito boa colega, amiga de ajudar quem precisa. Muitas noites, quando ainda era miúdo, não ia a casa para estar no Parque Mayer, a olhar para os artistas e a minha mãe ia com uma vizinha à minha procura à Adega da Anita. Ela chamava-me à cozinha e dava-me de comer, até a minha mãe chegar.

Alta, magra, bonita e elegante, além de cantar muito bem. Vi muitas festas de homenagem no Coliseu, sempre com muitos artistas. Viajou com companhias para África, cantou algum tempo no Circo Mariano. E casa com o artista Pepe Cardinalli, que lhe chamava a brincar Bebiana. E ao perguntar por ela dizia assim: “viram a minha namorada?”. Canta no Canadá e na América, onde fica com a família a viver mais de 10 anos. Tem dois filhos, o Bruno, que é modelo e vive em S. Diego e a Pepita, que foi bailarina ligeira e é casada com o jornalista e antigo correspondente de televisão Luis Pires. A Salomé Cardinalli, cançonetista é outra filha da Anita casada com o Rui, de quem tem dois netos, o cenourinha e o irmão.

A nossa Anita mora no Bairro-Alto e ainda canta no Faia, ao lado da Lenita Gentil e António Rocha. Ela foi uma grande esposa, adorou o seu Pepe e é uma mãe inatacável. A Salomé está em Leiria e a Pepita e o filho Bruno vivem nos Estados Unidos. Por motivos de segurança e saúde, a Anita fica cá ao pé de nós. E fica muito bem, porque esta é a nossa casa. O que muito se agradece ao grande Armando Cortez e à nossa Manuela Maria, não esquecendo o Raul Solnado e os outros elementos ligados ao espectáculo.

Bem-Hajam a todos. Para nós, que admiramos e gostamos da Anita Guerreiro, estamos muito felizes por termos cá na “Casa do Artista”, uma grande figura, uma linda voz e a presença desta grande Senhora do Fado e do Teatro.

Além da Anita ser uma Vedeta do Teatro de Revista e uma primeira figura do Fado é também uma Estrela do Parque Mayer. Cantou oito vezes na estreia, o “Cheira Bem, Cheira a Lisboa”. Tem fados como “Cáta Vento” e “Carrocel dos Bairros de Lisboa”. No Maria Vitória, na revista “Sal e Pimenta” cantou o Fado da “Sardinhada”; no Variedades, com um grande e lindo vestido cantou “Calçadinha de Lisboa” e fez uma merecida homenagem à grande Hermínia, etc.

Parabéns pela Artista que és!

Autor: Júlio Coutinho

(Actor/Residente da Casa do Artista)

BEM-VINDA ELISA LISBOA



(Actriz Elisa Lisboa)

Por motivos de saúde veio para cá, a grande actriz Elisa Lisboa. Veio com a sua irmã Margarida Lisboa, que era Realizadora de Rádio. Pertencem a uma família de ilustres clínicos, muito diretamente, o distinto médico Eurico Lisboa. Viviam ao pé dos Restauradores, no último andar do prédio da Guerin, ao lado do Condes. Várias vezes vi a Elisa a tomar café ao balcão do Palladium e da Solmar.

Fez muito teatro e novelas na televisão; saliento os “Morangos com Açúcar” e o “Contame como foi”. A Elisa cantava muito bem. A “Desfolhada” da Simone teve quase a ser estreada por ela. Conheço a Elisa há 44 anos. Foi no ano de 74, estava no Parque Mayer, no ABC, na empresa Sérgio de Azevedo a revista “Tudo a Nu” e entre outros actores estava a saudosa Anabela a fazer o Charlot. A nossa Elisa Lisboa, quase todas as noites aparecia lá no camarim da Anabela com a sua viola. Ela cantava bem baladas e depois nós após o espectáculo íamos para casa da Anabela passar o serão, que era nas Olaias. Eu também ia com o Jorge Bastos, Alçada Baptista, António Victorino de Almeida, Fernando Ramos e às vezes apareciam o Dário de Barros e a Deolinda Rodrigues, que estavam a cantar no Painel e ali estávamos quase até de manhã e a grande Elisa Lisboa cantava o “Summertine”.

No Monumental estive com o Jacinto Ramos e a grande actriz Glória de Matos, na peça “Quem tem medo de Virgínia Woolf?”. No cinema fez a Elisabeth Taylor e, cá em Portugal Elisa Lisboa foi prémio da melhor actriz secundária.

Em 2016 participou no filme “Axilas”, de José Fonseca e Costa, tendo sido a sua última participação na vida artística.

Que saudades, éramos jovens e tínhamos saúde. Todos nós desejamos boa estadia e rápidas melhoras. Bem-Hajam irmãs Lisboa.

Autor: Júlio Coutinho

ELAS ESTÃO A CHEGAR

de perninhas esguias
 e de ferrão afiado
 fazem loucas razias
 dentro do meu quarto
 assim transparentes
 tão leves como o vento
 andam ao redor da gente
 em constante movimento
 de dia não são vistas
 a sesta devem dormir
 têm vida de artistas
 só à noite vão surgir
 e são muito exigentes
 tais artistas, tais amores,
 só aparecem à gente
 à luz dos projectores...
 ante um corpo que dorme
 elas loucas se sentem
 e matam a sua fome
 sugando o sangue da gente
 e um ferrão tão pequeno
 sugando o sangue quente
 deixa uma dose de veneno
 que incha a carne da gente

e por certo já sabem
 não valem pragas ou rezas
 prestamos antes homenagem
 oh benditas são as melgas...

Autor: Joaquim Samora
 (Ponto de Teatro/Residente da Casa do Artista)

SE EU VOASSE

Gostaria de voar
 E asas eu não as tenho
 Mas voando com o pensamento
 Serei livre a tempo inteiro.

Se asas eu as tivesse
 Iria conhecer o mundo
 França, Hungria e Áustria
 Toda a Europa e mais a leste.

Atravessava o oceano
 E outros mares, enfim
 Conhecia outros povos
 Culturas doutros confins.

Regressada a meu País
 Saudosa e a pensar
 Do que vivera em Paris
 E dos sonhos que lá vivera.

Mas como asas não tenho
 E o pensamento se cansa
 Vou vivendo o dia-a-dia
 Na vontade de sonhar
 O voo que não se alcança.

Autora: Lila
 (Secretária/Residente da Casa do Artista)

PARABÉNS CASA DO ARTISTA

Foi há muitos anos que a Manuela Maria me informou, que ela e o marido e alguns colegas iam lutar para conseguirem uma Casa para os Artistas! Fiquei estupefacta e escusado será dizer muito feliz e com muita pena de não poder ajudar, por motivos familiares. Este sonho começou, quando a Manuela e o marido e alguns colegas lamentavam o problema que os Artistas encontravam na idade da reforma, não havendo nada no país que os pudesse ajudar. Foi quando em boa hora, o Raul Solnado se lembrou de dizer que quando esteve no Brasil, já lá havia uma Casa para os Artistas. E, com estas últimas palavras do Raul Solnado, entrou uma luz nas cabeças de Manuela Maria, Armando Cortez, Carmen Dolores, Pedro Solnado e Octávio Clérigo, passando a fazer parte da Direção.

Lá fui assistindo à distância, ao desenvolvimento e a toda a trabalhadeira que a Direção com tanto afincamento e persistência, nunca desanimando com os obstáculos que iam encontrando na luta em que estavam envolvidos. Até que ao fim de muitos anos conseguiram o terreno! Já podiam sonhar com a Casa do Artista. E lá continuaram na luta, e mais uma vez arregaçaram as mangas, continuando a trabalhar no duro, no grande sonho que ia tomando forma. Parabéns a esses heróis e um grande agradecimento, pelo que continuaram a fazer. Começaram a aderir ao projeto muitas personalidades, uns com trabalho outros financeiramente. Foram muito bem-vindos, obrigado.

E foi assim, com muito amor, muito trabalho e fé, que conseguiram fazer uma magnífica Obra! Surpresa das surpresas, com um Teatro! Como por magia surgiu esta Casa espectacular e um belo Teatro. Olhava para esta magnífica Casa e não vi um lar, também não vi um Hotel (ainda bem).

Vi uma grande Casa acolhedora, com calor humano, tendo todos os requisitos para um projecto desta natureza: segurança vinte e quatro horas por dia; auxiliares dia e noite; grandes espaços por fora e por dentro, com muito verde; uma Casa extremamente limpa; uma capela linda; salas e salões, que são utilizadas para o convívio; esplanada; enfermaria; fisioterapia; gabinete de psicologia, com uma psicóloga e gabinetes médicos, com uma médica de clínica geral e uma médica fisiatra. Não é um hospital, mas está tudo organizado, para quando é preciso levarem-nos a termos outros cuidados mais especializados. Falhas, também tem como em qualquer casa, mas são superadas com as vantagens que a Casa nos dá.

Esta Casa foi um milagre para alguns, senão para todos os Residentes. Sem ela, o que seria das nossas velhices? Pensem bem nisto! Também temos atividades organizadas pelo Dr. Ricardo Madeira, temos jogos favorecendo a memória, temos espectáculos musicais, de poesia, de magia, actuações de coros, fados, etc... Só é pena que alguns Residentes não queiram participar, preferindo ficar no quarto! Também temos ginástica leve, e como o meu marido gostava de participar, tentando fazer o que lhe era possível.



Infelizmente vim para a Casa do Artista, mais cedo do que esperava, mas o meu marido tinha uma doença, que precisava de ajuda. Foi bom para ele e para mim, aliás é apanágio da Casa. Infelizmente o meu menino já faleceu. O meu grande agradecimento a todos, sem excepção. Enquanto, for viva e com memória, nunca esquecerei, como todos o trataram com carinho e dedicação. Um grande beijinho e obrigado. Nessa altura, pensei ir para a minha casa, tendo muitas saudades da minha casinha bonitinha. Mas pensei melhor e ver-me sozinha de noite, com a filha longe. Acabei por ficar e não me arrependi. Tenho tudo aqui e sinto-me muito bem! A Casa do Artista está a fazer anos e queria dar os parabéns e agradecer o quem deu tudo até à exaustão, por este sonho que é uma realidade, onde “NÃO É PERMITIDO ENVELHECER”.

Parabéns a Casa do Artista.

Autora: Maria Candal

(Actriz/ Cançonetista/ Residente da Casa do Artista)

CAEM ESTRELAS

Caem estrelas
Do Céu distante
Rosário de oiro e brilhante
No firmamento gravado

Saudade, louca saudade
Do tempo de felicidade
Que iluminou meu passado

Meus olhos choram
De olhar as estrelas
Pois noutro tempo com elas
A minha vida sorriu

Quero voltar
A poder amar
Sentir que não fugiu
A vida que outrora sorriu...

Autor: Mário Ramos

(Técnico de Contas e Director Financeiro da Somec)

FACTOS Y FICCIONISMO

Sem jogos de bilharda ou pau de dois bicos, vos digo: «Todo lado tem um lado a nascer no lado do lado que nasce do nada». Ao caso: dilema e justas na resteva em que permaneço o mesmo anho, embora relho e velho que nunca se fez valer a teta, por isso, sem pastagens, e desacamado de fentos, tojo, carqueja; nem assadeira, forno medieval na Panchorra, o Cabrum, desde o planar de peneireiros num maciço de Montemuro, caudal por precipícios, caboucos e moinhos, e a Freigil, barragem a cabrestar fragores, outrora desatinos na espadela de rabelos pelo Douro, os sirgueiro, eia! eia! A sirga a roçagar-lhes o tronco e a enodar-se ao chamiço da proa; angaço a mofar em alambique, os lumes, um lambe-lambe no bronze da inspiração e a serpentina, a que não fluem essências, pingue chilro no barro de aprendiz a oleiro. E, assim, sou prego de solho em soalho desnudo; rosca quadrada de parafuso a tentear espirais no tempo; ouriço chocho, recesso, estariam sem bolota; serraduras de carpinteira em tábua sem plaina num desvão intelectual; tulha na arca de Noé, o centeio atascado de cornelhos para fabrico de tintas, nos hoje a espessarem lanugens do rebanho novembrino transviado das pastagens 25 de Abril e, a esmo, caganitas do quotidiano a que capto desvios nos fojos do espaço-tempo, ou seja, os factos não-inscritos nas páginas da História por historiadores do Poder. Por isso, a façanha, anseio-a: hialina, límpida, transparência de manhã sem carujeiro no plantio dos factos; sabão amarelo no soalho dos atavismos encardido pela insólita democracia novembrina; olhar concreto aos longes, a todos os longes, a catalogar vícios, medos, obscurantismos, onirismos e desesperos nas fomes da época “Deus, Pátria e Família”, a tripa-forra dos anelídeos com apodrecimentos pleurais e, de novo, babilónia nos hoje; pescador nos esgotos a poluírem humanismos; pesquisador de mensagens nos sedimentos bíblicos quando o mar se divorciou da montanha, Jeová já em processo de aposentadoria, e onde germinou a sarça dos corre-corre proféticos das sandálias de Moisés; e, no tudo vale no tabernáculo do vácuo, uma reprimenda póstuma ao cardeal Cerejeira quando, anéis eucarísticos a flamejarem, se encomendou aos muito além da ponderabilidade dos torçais da Sé:

--- Ó Deus, fazei-me serafim! --- Belzebu a afiar os cascos no chanfro de um dos vitrais, as chispas a esparvoarem os gaivéus que pilravam nos coruchéus.



**Provérbio
Popular**

**Abril molhado, sete
vezes trovejado.**

Desde então, guardo-me e resguardo-me em Zoroastro: «*Cem vezes ao dia se encontram oportunidades de fazer mal, enquanto uma vez por ano se acham muitas oportunidades de fazer bem*», Zadig logo a pôr mais achas: «*Não há nada mais respeitável que um antigo abuso*», ironia nas claridades da soenga onde, de novo, e a propósito da reforma agrária, falámos da Lei das Sesmarias que, desperta dos marasmos pelo despertador dos capitães de Abril fora, de novo, “*amor-de-homem-juízo-de-mulher*”, um brrrr de nasalidades nos chanfros dos atavismos e a enjorcar admirações a D. Fuas, idolatria aos corricares do cervo, fé no ouro-marfim do escrínio desatuhlado das ruínas do templo de Salomão para dormitório da figurinha esculpida por José num galho de cerdeira, a inspirar a epopeia de uma imagem da Senhora de Fátima a entrar, clandestinamente, pelas fronteiras da Ucrânia e, depois de refúgios e refrigerios em muitos lares católicos, a jazer em parte incerta, algures na Rússia, aventura e saga em “A Conversão da Rússia pelo Comunitarismo”, papel-seda marron, o autor, com o aval de Salazar e do arcebispo de Metilene, a propor-se ao Nobel da Paz, o júri a despejar o livro num fiorde, facto não-inscrito como o mito do godo a fugir à moirama e a esconder-se na gruta do promontório, escrínio bem no sovaco; e o do corcel no bordo do precipício a subir do oceano, a escarvar os cascos, saibro a aluir, e a gruta, bocarra a abrir-se, luz a inundá-la, --- e a figurinha angélica a retornar às adorações e aos fúlvidos milagres; mas do veado, nem tombo, baques, ossadas, hastes, queixada, pulgas, carraças, nada, nadinha: nem fogo-fátuo, fosforescências num desvão agreste da arriba, como na “Praça da Alegria”, desvão de uma outra fosforescência e um outro escarvar: singelo, ufano, cabelos à Beckham, moderno, pero cascudo, à paisana e a sobraçar uma pequena caixa, um padre irrompeu o espaço cénico; sobre tampo de mesa oval depositou a caixa, afagou a cubicagem, os contornos, modelou o timbre voltaico da voz e, fadista a interiorizar a letra de um fado vadio, vadeou o abissal dos olhos. E, numa electrólise celestina, anodizou a permilagem do estúdio: «*Dentro deste pequeno baú estão milhares de relíquias de milhares de santos*», apresentadores do programa e a assistência, deseixo uníssonos, e eu a deseixar-me ao ecrã: «*Relíquias de milhares de santos! Nem alfarrábios no Vaticano ou em catálogo sistino*», o Ingénio, a meu lado, logo acomodatício: «*Todas as seitas são uma forma de manter o erro*» e, satírico: *Já há seitas em geometria, camarada?*

Autor: Afonso Henriques

(Técnico da Central Técnica de programas da EN—RDP/Residente da Casa do Artista)

4—canta... espanta;
5—azeite... água;
6—mão... igual

1—chão ... amarela;
2—olho ... dente;
3—sus... degenera;

**PROPRIEDADE:
APOIARTE —
CASA DO
ARTISTA**

Estrada da Pontinha, 7
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890
Fax: 217110898
Correio eletrónico:
geral@casadoartista.net

www.casadoartista.net

A APOIARTE/CASA DO ARTISTA—Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam ou tenham exercido funções relacionadas com a atividade do espetáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio.

A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Formação constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objetivos definidos na sua génese. Abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos os residentes nesta Casa do Artista.



AGENDA CULTURAL

SALA BEATRIZ COSTA:

- **7 de Maio (segunda-feira), 15 horas** — Comemoração do 19º aniversário da Casa do Artista, com um momento musical, seguido de lanche de convívio no Refeitório;
- **9 de Maio (quarta-feira), 15 horas** — Espectáculo “Abraço Poético”, com Luis Ochoa;
- **14 de Maio (segunda-feira), 15 horas** — Espectáculo “Mar (além) Mar”, com autoria e interpretação de José Baião Santos e Eduardo Abrantes;
- **15 de Maio (terça-feira), 15 horas** — Espectáculo “Canções Pedidas”, com Carlos Alberto Moniz;
- **18 de Maio (sexta-feira), 15 horas** — Comemoração do Dia Internacional dos Museus, com a realização da visita ao Museu Nacional do Traje;
- **22 de Maio (terça-feira), 15 horas** — Finalização do projecto de estágio curricular, com a atividade “Manta de Memórias”;
- **24 de Maio (quinta-feira), 15 horas** — Animação Musical, com o Grupo Coral do Clube de Campismo de Lisboa—CCL.

TEATRO ARMANDO CORTEZ:

- “O Soldadinho de Chumbo”, em cena, com encenação de Fernando Gomes e produção do Teatro Infantil de Lisboa”;
- “5 Lésbicas e uma Quiche”, até ao dia 10 de Junho 2018, com encenação de Paulo Sousa Costa e interpretação de Anabela Teixeira, Joana Câncio, Leonor Seixas, Paula Neves e Teresa Tavares e produção da Yellow Star Company.

Ficha Técnica

Edição:

Ricardo Madeira
(Animador Sociocultural)

Responsável pela Edição:

Conceição Carvalho
(Assessora da Direcção)

Coordenação:

Carla Andrino
(Psicóloga Clínica/Actriz/
Direcção da Casa do Artista)

Revisão:

Fernando Tavares Marques
(Actor/Membro da Direcção
da Casa do Artista)

Periodicidade:

Mensal

Tiragem:

50 exemplares

Nota: Este Boletim não foi redigido ao abrigo do Acordo Ortográfico.